

Fátima Silva, Idalina Ferreira, António Leal, Purificação Silvano, Fátima Oliveira
Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Centro de Linguística do Porto)

► **Marcas linguísticas no texto de apreciação crítica**

0. Introdução

Um dos tipos de texto de análise obrigatória no ensino secundário é o texto de apreciação crítica. O Programa e as Metas Curriculares de Português para o Ensino Secundário determinam o estudo do texto de apreciação crítica nos domínios da leitura, da escrita e da expressão oral, apontando como metas: (i) a explicitação das marcas da apreciação crítica a partir de textos; (ii) a redação de apreciações críticas, respeitando as marcas deste tipo de texto; (iii) e a produção oral de apreciações críticas.

A apreciação crítica constitui um género textual marcado por um conteúdo temático, um estilo e uma estrutura composicional específicos. Na sua essência, a apreciação crítica pressupõe não só uma avaliação, favorável ou desfavorável, de um determinado objeto, mas também a fundamentação dessa avaliação, o que implica o recurso a elementos e estruturas linguísticas adequadas à expressão de uma valoração positiva ou negativa e da respetiva justificação. As marcas linguísticas da apreciação crítica têm sido investigadas, mas nem sempre como objeto de análise específico (Charaudeau (1992), Rodrigues e Silvano (2009), por exemplo).

Por isso, e tomando em consideração a relevância desta configuração discursiva no ensino secundário, o objetivo principal deste trabalho é determinar, a partir de um *corpus*, a estrutura composicional da apreciação crítica, bem como algumas das marcas linguísticas mais comuns.

Num primeiro momento, fazemos a contextualização da apreciação crítica no Programa e Metas Curriculares para o Ensino Secundário. Na secção seguinte, definimos a apreciação crítica enquanto género textual de modo a, a partir deste constructo, propormos uma análise global dos textos de apreciação crítica que compõem o *corpus* e uma análise mais detalhada de um dos textos. Terminamos com algumas considerações sobre as implicações deste tipo de análise para o trabalho em sala de aula.

1. A apreciação crítica no Programa e nas Metas Curriculares

O Programa e as Metas Curriculares de Português para o Ensino Secundário determinam o estudo do texto de apreciação crítica nos domínios da leitura, da escrita e da expressão oral, apontando como metas: i) a explicitação das marcas de apreciação crítica a partir de textos; ii) a redação de apreciações críticas, respeitando as marcas deste género textual; iii) e a produção oral de apreciações críticas.

De forma esquemática, apresentamos no quadro 1, a integração da apreciação crítica no âmbito das diretrizes estabelecidas para o ensino secundário.

APRECIACÃO CRÍTICA			
Ano	Objeto em apreciação	Marcas específicas de género	Domínios convocados
10º	<ul style="list-style-type: none">• debate• filme• peça de teatro• livro• exposição• outra manifestação cultural	<ul style="list-style-type: none">• descrição sucinta do objeto• comentário crítico	<ul style="list-style-type: none">• leitura• escrita• oralidade• gramática
11º	<ul style="list-style-type: none">• debate• filme• peça de teatro• livro• exposição• outra manifestação cultural	<ul style="list-style-type: none">• descrição sucinta do objeto• comentário crítico	<ul style="list-style-type: none">• leitura• escrita• oralidade• gramática
12º	<ul style="list-style-type: none">• debate• filme• peça de teatro• livro• exposição• outra manifestação cultural	<ul style="list-style-type: none">• descrição sucinta do objeto• comentário crítico	<ul style="list-style-type: none">• leitura• escrita• gramática

Quadro 1: A apreciação crítica no ensino secundário

Numa proposta programática que postula uma “perspetiva integradora do ensino do Português, que valoriza as suas dimensões cultural, literária e linguística” (p.10), o género apreciação crítica assume uma função relevante tanto no domínio da receção quanto no da produção, contribuindo para o desenvolvimento de competências diversas e convocando saberes declarativos e processuais variados e complexos. Na verdade, a sua abordagem toma como ponto de partida a convicção expressa no programa de que “a convergência de textos pertencentes aos mesmos géneros ou a géneros afins pretende surgir como uma estratégia de reforço sistemático das operações cognitivas mais complexas, havendo, pois, vantagem em

explorar de forma estruturada, as relações entre os diferentes domínios” (p.9). Neste contexto, a apreciação crítica deverá, no contexto da leitura e da oralidade, cumprir os objetivos de “desenvolvimento das capacidades de avaliação crítica, de expressão e de argumentação lógica” (p.9). Já no domínio da escrita, ela é considerada como “o coroar do desenvolvimento da expressão escrita” (p.9), constituindo a etapa final de um percurso que se inicia com a síntese de textos e progride para a exposição planificada coerente de temas diversos, cumprindo dois objetivos centrais da escrita, ‘aprender’ e ‘pensar’ (Shanhan 2004; cit in p.9). E “Escrever para aprender e escrever para pensar, na sua articulação com o ler para escrever (Pereira, 2005), são capacidades que pressupõem o concurso da Oralidade, da Leitura, da Educação Literária e da Gramática” (p.9). No que se refere a este último domínio, o Programa preconiza que “os alunos consolidem conhecimentos no plano da Sintaxe e realizem um percurso coerente e sustentado no plano da Formação, Mudança e Variação da Língua, no da Semântica e no da Análise do Discurso e Linguística Textual” (p.9), na perspetiva de um adequado desenvolvimento da consciência linguística e metalinguística, de uma cabal compreensão dos textos e do uso da competência da língua oral e escrita” (p.10).

Na sequência da contextualização do lugar e do papel da apreciação crítica no Programa de Português e Metas Curriculares, impõe-se uma reflexão sobre a forma como pode ser planificado e implementado o trabalho com este género em sala de aula, de modo a produzir os resultados de aprendizagem desejados. Essa reflexão justifica-se tanto pela presença deste género nos três anos do ciclo de escolaridade em questão, quanto pela ausência de indicações mais aprofundadas sobre as suas marcas específicas e sobre a sua potencial correlação com outros géneros com os quais partilha algumas afinidades, como é o caso do texto de opinião.

Consideramos que esse trabalho envolve duas tarefas complementares: i) a aquisição de um conhecimento profundo e fundamentado do género apreciação crítica; ii) o domínio de um conhecimento metodológico e didático adequado para o seu tratamento nos diferentes domínios referidos. Embora nos concentremos essencialmente sobre o primeiro ponto neste estudo, no sentido de contribuir para um trabalho de preparação prévia à planificação pedagógico-didática, referiremos igualmente algumas implicações pedagógico-didáticas deste análise para o trabalho da sala de aula.

2. A apreciação crítica como gênero textual

A consideração da apreciação crítica como gênero textual, que tem como tema possível a apreciação de diferentes objetos culturais e, como marcas específicas, uma descrição sucinta do objeto e um comentário crítico, convoca dois princípios enunciados no Programa e Metas Curriculares de Português para o ensino secundário. Tais princípios são considerados centrais para a análise proposta neste trabalho, na medida em que estabelecem o quadro epistemológico em que ela se situa e os parâmetros a considerar na sua abordagem: i) “Todo o texto consubstancia um gênero que adota e adapta” (p.8); e ii) “Todos os textos envolvem a interação de fatores diversos: temáticos, linguísticos, estruturais, relativos ao contexto de produção e às disposições dos leitores” (p.9).

Embora a literatura sobre o conceito de gênero associado aos estudos do texto e do discurso seja abundante e teoricamente diversa, seguimos neste estudo essencialmente os contributos de Bakhtine (1984), Bronckart (1996), Adam (2001), Charaudeau (1988), Marcuschi (2008) e Coutinho (2007, 2011), porque nos permitem, por um lado, estabelecer alguns traços definitórios fundamentais do gênero, em especial na sua relação com o conceito de texto, bem como a determinação de um quadro de análise com interesse para a sua abordagem no contexto do ensino.

De acordo com Marcuschi (2008 : 154),

É impossível se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero.

A ideia de que a atividade verbal é realizada sob a forma de um gênero foi já defendida por Bakhtine¹ (1984 : 265) para quem

A riqueza e a variedade dos gêneros de discurso são infinitas porque a variedade virtual da atividade é inesgotável e cada esfera desta atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que se vai diferenciando e ampliando à medida que se desenvolve e complexifica a esfera dada.

Os gêneros estão, por conseguinte, associados aos textos que encontramos no quotidiano e apresentam composições características definidas por objetivos funcionais, com funções comunicativas diversas nas situações comunicativas (Maingueneau, 2002; Bronckart, 2008; Marcuschi, 2008, entre outros). Caracterizam-se por um movimento de identidade, que se orienta para a sua repetição e reprodução, mas também por um movimento de diferença, na

¹ A responsabilidade da tradução dos excertos de Bakhtine (1984) transcritos é nossa.

medida em que constituem entidades orientadas para a variação e a inovação (cf. Coutinho, 2011).

Verifica-se, assim, uma estreita correlação entre os conceitos de gênero e de texto. Na linha de Charaudeau (1997 :6), consideramos que o texto

É o resultado de um ato de linguagem produzido por um indivíduo numa situação de troca social contratual. Por se tratar de um ato de fala, caracteriza-se pelas propriedades gerais de cada evento linguístico, a saber, a sua materialidade significativa (...) organizada em sistemas, as suas regras de formação e construção linguística (...), os procedimentos de organização discursiva. Dado que é produzido numa situação contratual, depende, para a sua significação, do que caracteriza uma dada situação.

A relação entre o texto, a sua textualização e o gênero que o designa é igualmente estreita.

A utilização da língua realiza-se sob a forma de enunciados concretos, únicos, que emanam dos representantes de um determinado domínio da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada um desses domínios, não só pelo seu conteúdo (temático) e o seu estilo de língua, ou seja, pela seleção operada através dos recursos da língua – meios lexicais, fraseológicos e gramaticais – , mas também e sobretudo pelo seu estilo composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo que constitui o enunciado, e cada um deles é marcado pela especificidade de uma esfera de troca. (Bakhtine, 1984: 265).

Daqui se depreende a existência de três categorias de análise do gênero, a saber, conteúdo temático, estilo e construção composicional. O conteúdo temático refere-se à seleção temática de determinado gênero; o estilo corresponde às escolhas de realização linguística disponíveis; e a construção composicional relaciona-se com a forma como é estruturado internamente o texto.

Bronckart (1996), por sua vez, delimita como modelos de análise os contextos de produção e a arquitetura textual. No que se refere ao primeiro, definido como o conjunto de parâmetros suscetíveis de influenciar a forma como o texto está organizado, há a considerar três categorias de análise: o contexto físico, o quadro de interação comunicativa e o conteúdo temático. A arquitetura textual, que permite dar conta da organização interna do texto é igualmente constituída por três categorias, subdivididas em parâmetros mais específicos. Assim, a infraestrutura textual corresponde à organização interna do texto, estando subdividida em plano global do texto, os tipos de discurso e as sequências textuais. Por sua vez, os mecanismos de textualização, que conferem coerência temática ao texto, correspondem a mecanismos de coesão nominal, coesão verbal e conexão, enquanto os mecanismos enunciativos, responsáveis pela sua coerência interativa, são compostos pelas vozes do discurso e modalização.

Richer (2011) propõe igualmente um quadro geral para a análise do texto, que apresenta algumas semelhanças com a proposta de Bronckart. A sua proposta parte do

agrupamento das instruções veiculadas por um género de acordo com os níveis constitutivos da totalidade textual que é afetada por essas instruções. Assim, sugere o seguinte quadro de análise.

Dimensões	Características
Matéria	<ul style="list-style-type: none"> • Características formais do meio • Dimensão espacial • Dimensão temporal
Socio-pragmática	<ul style="list-style-type: none"> • Estatuto e papel dos enunciadores • Identificação do sistema de enunciação global • Identificação do ato de linguagem global. Dimensão do <i>logos, ethos, pathos</i>
Textual	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação do plano de texto e da combinação de esquemas sequenciais
Estilística	<ul style="list-style-type: none"> • Variedades
Temática	<ul style="list-style-type: none"> • Conteúdo temático central

Quadro 2: A proposta de Richer para a análise textual (2011)

É neste quadro teórico e com base nestas categorias e instruções que propomos a abordagem da apreciação crítica como género, especificamente da apreciação crítica de filmes, cuja funcionalidade consiste, segundo Barbare (2004), em observar detalhes, identificar as características típicas da obra, compará-las com outras do mesmo género, criticar e elogiar o filme.

3. O género apreciação crítica de cinema

Apesar de o Programa agrupar sob a mesma designação diferentes objetos para receção e produção de apreciações críticas, consideramos vantajoso particularizar um desses objetos, neste caso, o filme, no sentido de procedermos a uma análise que tenha em conta uma certa homogeneidade e permita, na sequência da discussão dos resultados obtidos, encontrar alguns parâmetros de género que possam servir de ponto de referência para detetar semelhanças e diferenças em apreciações críticas de outros objetos.

No que se refere, por sua vez, à análise do género apreciação crítica de filmes, consideramos essencialmente os trabalhos de Charaudeau (1988) e Barros (2008), por se concentrarem especificamente sobre este género, propondo uma abordagem que contempla uma dupla vertente: o contexto da produção do texto e os processos linguísticos-textuais da configuração textual, com especial incidência nestes últimos.

3.1. Seleção e constituição do *corpus*

Assim, adaptamos as propostas referidas à análise de um *corpus* de apreciação crítica de filmes, articulando essa análise com o exposto na secção 2, de modo a dar resposta às seguintes questões:

- i. Como se caracteriza a apreciação crítica de cinema enquanto género textual?
- ii. Quais são as suas principais marcas linguísticas?
- iii. Em que medida se correlacionam essas marcas com os dados do contexto de produção?

O *corpus* é composto por 10 textos extraídos da *internet*, sendo 5 provenientes de jornais em versão digital e os outros 5 pertencentes a blogues diversos, com as características exibidas no quadro 3.

As apreciações críticas foram selecionadas de acordo com um conteúdo temático comum, o filme de João Botelho *Os Maias*, num período situado entre 10 de setembro de 2014 e 10 de outubro de 2014, que correspondeu à exibição do filme em Portugal.

A opção recaiu neste filme, porque o romance de Eça de Queirós, de que é uma adaptação, é um dos textos obrigatórios no ensino secundário, pelo que nos pareceu pertinente a apreciação crítica do filme, por duas ordens de razões: i) os alunos conhecem ou vão conhecer o livro; ii) a associação do filme ao livro pode ser trabalhada em sala de aula.

Por outro lado, a seleção de textos de duas fontes deve-se ao facto de termos procurado encontrar exemplares com condições de produção distintas, nomeadamente no que se refere ao autor do texto e ao domínio discursivo a que o texto pertence, no sentido de verificar em que medida essas diferenças podem afetar a configuração das categorias da arquitetura textual explicitadas por Bronckart e apresentadas na secção 2. Assim, embora os dois grupos de textos sejam da modalidade escrita, em formato digital, o espaço em que aparecem é distinto na edição digital do jornal e no blogue, já que tendencialmente as apreciações nos jornais aparecem inseridas numa rubrica dedicada ao cartaz de cinema ou cultura, enquanto isso não se verifica nos blogues, tipicamente mais informais. Por outro lado, há ainda a registar duas diferenças: i) os textos dos blogues tendem a ser mais longos do que os dos jornais; ii) o enunciador distingue-se quanto à utilização de termos técnicos, que é por norma maior no jornal do que no blogue.

Apreciações críticas extraídas de jornais na edição digital				
Autor	Jornal	Título	Dia	Nº palavras
Jorge Mourinha	Público	Portugal dos Pequeninos	11-09-2014	579
Luís Miguel Oliveira	Público	Botelho atira-se a Eça para o «restituir»	18-09-2014	248
Miguel Branco	Jornal I	O corta e cola de um mestre louco	10-09-2014	252
Vasco Câmara	Público	Os Maias: efeitos culturais	25-09-2014	215
Pedro Soares Martínez	O Diabo	Eça de Queiroz merecia melhor	10-10-2014	860

Apreciações críticas extraídas de blogues				
Autor	Blogue	Título	Dia	Nº palavras
Rui Alves de Sousa	Espalha Factos	Os Maias: a versão integral de João Botelho	11-09-2014	705
Tiago Resende	Cinema 7ª arte	«Os Maias»: o Portugal de Ontem com um toque de modernidade	12-09-2014	554
Gabriel Vilas Boas	Sete Pecados (I)mortais	“Os Maias”: o filme		817
Paulo Portugal	C7nma	“Os Maias” por Paulo Portugal	14-09-2014	535
Sebastião Barata	Milímetro a Milímetro	Os Maias	06-10-2014	743

Quadro 3: Descrição do *corpus*

3.2. A análise do *corpus*

A análise do *corpus* segue um percurso constituído pelas seguintes fases: i) observação dos textos empíricos para descrição das suas marcas linguísticas em correlação com a estrutura composicional do texto; ii) comparação dos dois grupos de textos a partir dos resultados da análise realizada; iii) articulação da análise linguístico-textual com dados de natureza contextual.

Analizamos a estrutura composicional do texto para determinar qual é a sequência textual dominante nos textos do *corpus*, tendo concluído que os textos analisados atualizam predominantemente a sequência argumentativa, que apresenta frequentemente a estrutura esquematizada na figura 1.

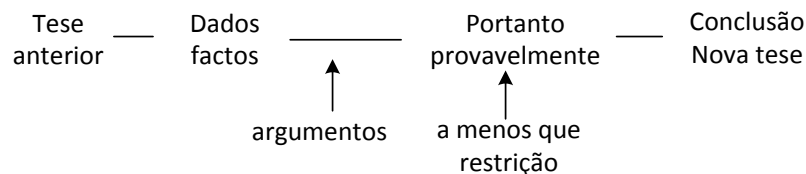


Figura 1: sequência argumentativa (Adam, 2005: 159)

Bronckart (1996: 226) sintetiza as características específicas desta sequência apontando a sequência de quatro fases que configuram, a saber:

- a fase da apresentação das premissas ou dados, na qual é produzida a tese inicial;
- a fase da exposição de argumentos, ou seja, de elementos que orientam para uma conclusão provável, podendo ser apoiados por exemplos, lugares comuns, etc.;
- a fase da exposição de contra-argumentos, que operam uma restrição em relação à orientação argumentativa e podem igualmente ser apoiados ou refutados por meio de exemplos, lugares comuns, etc;
- a fase da conclusão ou emergência de uma nova tese, que integra os efeitos dos argumentos e contra-argumentos.

Trata-se de um esquema flexível, que não implica a atualização de todas as categorias, mantendo apenas dois elementos básicos, centrais: o justificativo e o contra-argumentativo.

Por outro lado, esta organização textual, profundamente dialógica, é tipicamente assegurada por um conjunto de marcas linguísticas que servem a argumentação.

No contexto das apreciações críticas em análise, foram delimitadas as seguintes marcas linguísticas, a cuja análise se procedeu posteriormente, por se considerar que são frequentes em textos deste género, contribuindo para definir a tessitura textual.

N valorativos		ADJ valorativos		ADV valorativos		V valorativos		Orações coordenadas		Orações adverbiais			Mar cas de 1. ^a p.
[+] ²	[-]	[+]	[-]	[+]	[-]	[+]	[-]	adver sativa s	resta n tes	conces sivas	compa rativas	restan tes	

Quadro 4: Marcas linguísticas do *corpus*

Passamos, de seguida, à análise do *corpus*, no sentido de delimitar as regularidades de cada grupo de textos, encontrando igualmente as suas diferenças. Por uma questão prática, separamos essa análise em três aspetos: i) categorias sintáticas (nome, adjetivo, verbo e advérbio); orações coordenadas e adverbiais; iii) marcas da presença do *eu* no discurso.

² Os traços [+] e [-] indicam, respetivamente os valores ‘positivo’ e ‘negativo’.

No que se refere à ocorrência de categorias sintáticas valorativas, positivas ou negativas, o seu resultado quantitativo é apresentado no quadro 5.

Texto	Total de palavras	N valorativos		ADJ valorativos		ADV valorativos		V valorativos	
		[+]	[-]	[+]	[-]	[+]	[-]	[+]	[-]
blogues	3368	1,34%	0,5%	1,72%	0,68%	0,44%	0,2%	0,71%	0,38%
jornais	2155	0,46%	0,42%	0,56%	0,37%	0,23%	0,0%	0,09%	0,56%

Quadro 5: Análise em percentagens das categorias sintáticas

No que se refere às categorias sintáticas, podemos observar os seguintes resultados.

Em relação aos nomes, a percentagem de nomes com valoração negativa é aproximada, mas a de positivos apresenta uma tendência inversa, no sentido em que a sua ocorrência é muito mais recorrente nos blogues. No que se refere aos adjetivos, manifesta-se a mesma tendência verificada para os nomes, embora a diferença ao nível dos adjetivos com valoração negativa seja mais significativa, porque é maior a diferença percentual entre os blogues e os jornais. A mesma tendência verifica-se nos advérbios.

Os verbos valorativos, por sua vez, revelam uma tendência distinta, na medida em que, no caso positivo, a diferença é muito maior, e, no caso dos negativos, inverte-se a relação, pois há maior percentagem nos jornais.

Esta variação estilística pode dever-se essencialmente ao facto de o autor do blogue sentir maior liberdade na expressão da sua apreciação crítica, por não estar constrangido com o facto de estar numa posição que impõe maior contenção ou que requer algum grau de autocensura para não ferir suscetibilidades.

Por sua vez, a ocorrência de orações coordenadas e subordinadas adverbiais corresponde aos resultados apresentados no quadro 6.

Texto	Total de orações	Orações coordenadas		Orações adverbiais		
		adversativas	restantes	concessivas	comparativas	restantes
blogues	75	22,6 %	33,3 %	6,6 %	17,3 %	20,0 %
jornais	58	17,2 %	36,2 %	10,3 %	17,2 %	17,2 %

Quadro 6: Análise em percentagens das orações coordenadas e adverbiais

No caso dos blogues, há dois tipos de orações que se salientam: adversativas e comparativas. As orações adversativas justificam-se com a sequência dominante, que é a

argumentativa. No caso das orações comparativas, elas servem muitas vezes para estabelecer relação com o livro de que o filme é adaptado, ou com outros filmes do realizador. No fundo, trata-se da avaliação da obra em correlação com outros objetos.

Neste contexto, as comparativas, ao mesmo tempo que servem como base para avaliação do objeto, também permitem operar a sua descrição, ainda que de forma não explícita e não sistemática. Isto corrobora a ideia de que a apreciação crítica é constituída por descrição do objeto e comentário crítico, tal como previsto no Programa.

De facto, constata-se que não há uma sequência descritiva autónoma, que funcione em termos absolutos, mas é uma descrição disseminada ao longo da argumentação.

Na sua globalidade, as expressões que marcam claramente a tomada de opinião são evitadas, pelo que apresentam um número residual em ambos os grupos de texto. Isto pode ficar a dever-se em parte ao contexto de produção, dado que, por ser assumidamente um texto de apreciação, não precisa de manifestação da expressão da opinião.

Finalmente, é de salientar o aspeto da ocorrência das marcas de 1.^a pessoa, apresentadas no quadro 7.

Texto	Marcas de 1. ^a p.	
	singular	plural
blogues	21	20
jornais	0	17

Quadro 7: Marcas de 1.^a pessoa

No que se refere às marcas de 1.^a pessoa, verifica-se que a sua ocorrência é bastante maior nos blogues. No que se refere ao plural, há uma tendência similar, havendo uma grande diferença ao nível do singular, na medida em que este nem sequer ocorre nos jornais. No caso dos blogues, usa-se tendencialmente a 1.^a pessoa do singular, ao contrário do que acontece nos jornais.

Esta diferença mantém a mesma regularidade diferencial ao nível das categorias sintáticas, que são determinadas de forma evidente pelas condições de produção. Poder-se-ia dizer que isto se deve ao facto de haver uma diferença entre apreciação crítica mais objetiva e técnica por parte do crítico profissional e a apreciação mais subjetiva por parte do crítico amador. No entanto, isto não parece acontecer.

A análise comparativa dos dados dos textos ocorrentes nos jornais e nos blogues, com base nas marcas linguísticas que materializam a sua textualização, deve ser articulada com dados contextuais, que se referem às dimensões material e socio-pragmática do texto,

nomeadamente às características do contexto físico e do contexto socio-subjetivo, porque essas propriedades ajudam a situar comunicativamente o texto. Neste contexto, o blogue apresenta essencialmente as seguintes características: o enunciador é mais livre e produz mais avaliações de índole subjetiva, nas quais se assume como enunciador, não tendo constrangimentos espaciais para o seu texto. Em contrapartida, o enunciador dos artigos de jornal está mais vinculado a um quadro situacional preestabelecido, o jornal onde trabalha, que tem uma natureza mais rígida e procura garantir uma crítica bem informada, servindo a dupla função de informar e motivar o público. Estas diferenças podem, em certa medida, justificar as diferenças nas estratégias e recursos utilizados para a argumentação sobre o filme.

4. Análise circunstanciada de um exemplar do *corpus*

Na secção 4, apresentamos uma análise circunstanciada de um dos textos constitutivos do *corpus* de apreciações críticas de filmes extraídas dos jornais – *Botelho atira-se a Eça para o “restituir”*³. Partimos do princípio de que “cada texto particular exhibe características individuais e constrói um objeto sempre único” (Bronckart, 1996: 79), mesmo quando se integra num determinado género e apresenta condições de produção e de organização interna similares. Nesse sentido, assumimos que, a par da análise das propriedades e funções que permitem encontrar algumas regularidades nos textos que se inscrevem num determinado género,

os casos particulares podem ser, em si mesmos, objeto de análise – constituindo esta um exercício útil, talvez como a análise de textos colhidos/integrados num *corpus* (mais ou menos) homogéneo (e tido) como representativo de um determinado fenómeno/problema. (Coutinho, 2012: 8)

A proposta de análise deste texto cumpre essencialmente três objetivos: i) aplicar o quadro de análise textual exposto na secção 2, que serviu de base à caracterização do *corpus* apresentada na secção 3, a um texto empírico particular; ii) evidenciar a relevância de uma análise textual que complemente efetivamente os dados provenientes das condições de produção de um texto com a sua análise linguístico-textual circunstanciada; iii) discutir algumas implicações metodológicas deste tipo de análise no trabalho pedagógico-didático desenvolvido em sala de aula.

Seguindo a metodologia usada para a análise global do *corpus*, esta análise funda-se nas seguintes etapas: i) determinação do contexto de produção; ii) delimitação da

³ O texto está transcrito em anexo, com numeração das linhas, sendo convocado ao longo da análise realizada nesta secção 4.

infraestrutura do texto e dos mecanismos de enunciação mais relevantes; iii) análise das marcas linguísticas mais significativas na textualização deste exemplar; iv) algumas implicações deste tipo de análise para a abordagem da apreciação crítica em sala de aula.

4.1. As condições de produção

As condições de produção do texto em análise, que constituem o conjunto de parâmetros que exercem influência sobre a sua arquitetura interna, estabelecendo o quadro comunicativo no qual o texto é produzido, estão sintetizadas no quadro 8.

Condições de produção da apreciação crítica: <i>Botelho atira-se a Eça para o “restituir”</i>		
Dimensão material ↓ Contexto físico	<i>suporte</i> <i>momento da produção</i> <i>espaço físico</i> <i>emissor</i> <i>recetor</i>	Internet Previamente à estreia do filme Jornal Luís Miguel Oliveira Leitores do jornal
Dimensão sociopragmática ↓ Contexto sociosubjetivo	<i>objetivo</i> <i>domínio discursivo</i> <i>enunciador</i>	Avaliação do filme de João Botelho ‘Os Maias’ Jornalístico Crítico profissional
	<i>destinatário</i>	Público interessado na apreciação de filmes que saíram previamente à sua ida eventual ao cinema
Dimensão temática	<i>conteúdo temático</i>	Apreciação do filme ‘Os Maias’ em contraponto com o romance homónimo

Quadro 8: Condições de produção do texto *Botelho atira-se a Eça para o “restituir”*

Um dos elementos mais relevantes das condições de produção, pelas suas consequências ao nível da arquitetura do texto, especificamente no que se refere à organização textual e à delimitação do seu conteúdo temático, é o suporte no qual o texto é veiculado. No caso da apreciação crítica de filmes, esse suporte assume um papel de relevo na configuração textual, porque “a crítica jornalística de cinema, ao se inscrever na Internet, ao mesmo tempo em que desempenha puramente uma função de texto, está sujeita às outras inscrições que também compõem aquele ambiente” (Braga, 2014: 108). Assim, como podemos ver na figura 2, a apreciação crítica em análise não é meramente um discurso isolado, na medida em que se recorre ao uso do hipertexto. Trata-se, por conseguinte, de um ambiente multimodal em que o leitor encontra outras informações além do texto que constitui a apreciação crítica: classificação do filme, ficha técnica, *trailer*. Estas informações podem, em grande medida, inscrever-se no plano global de organização do texto.


CRÓNICA

Botelho atira-se a Eça para o "restituir"

LUIS MIGUEL OLIVEIRA | 18/03/2014 - 07:30 | (actualizado às 07:30)

O filme de Botelho tem esta virtude: atira-se ao romance de Eça para, na medida do possível, o "restituir" sem o desfigurar e sem se impor a ele.

CINEMA OS MAIORS ★★★★★



MULTIMEDIA

É engraçado reparar em que um dos "defeitos" mais apontados em massa ao cinema português pela *vox populi* - que é "muito literário" - não tem assim tanta razão de ser. Há bem pouca "literatura" no cinema português, e o património clássico ainda é quase inexplorado - há proporções a salvaguardar, até pelas diferenças na capacidade de produção, mas pensar por exemplo na quantidade de Balzacs, Flauberts e até Prousts gerados pelo cinema francês; ou imaginar que os franceses esperavam até 2014 para filmar a *Madame Bovary*...

TÓPICOS >

Cinema

O filme de João Botelho tem esta virtude, atira-se ao romance de Eça de Queiroz para, na medida do possível, o "restituir" sem o desfigurar e sem se impor a ele. Pode-se argumentar que isto implica um certo apagamento do cineasta, que já tratou a literatura com outra rigidez, e o remete ao papel de ilustrador.

Mas essa ilustração, até pelo artifício de cartão pintado que é a sua marca, parece precisamente o jogo que se queria jogar. E é bem jogado, com panache, com actores que ao geral devolvem as personagens como se imaginava que elas deviam ser e parecer, e com uma fluidez narrativa perfeitamente capaz de traduzir a dimensão trágica do romance (mesmo que seja menos hábil a dar a irmitia com que o romance olhava para a sua tragédia).

OS MAIORS
de Maiores

Realização: João Botelho
Actores: Graciano Dias, Maria Flor, Pedro Infante, João Perry, Hugo Matos, Amaro, Maria João Pinho, António Luís, Filipa Vargas, Mercedes Ulgrueche, Pedro Lacerda, Rita Blanco, José Manuel Mendes, André Gonçalves

Figura 2: A apreciação crítica do filme na página digital do jornal

4.2. A dimensão textual e enunciativa do texto: seqüências e vozes do texto

A multidimensionalidade e hipertextualidade características deste género no jornal digital, aliadas ao seu objetivo central, podem contribuir para justificar o facto de a descrição do objeto cultural ser, nesta como nas outras apreciações críticas analisadas, feita de forma parcelar e parcimoniosa, em geral ao serviço do comentário crítico.

Na verdade, do ponto de vista da sua infraestrutura, este texto caracteriza-se por ser essencialmente argumentativo, no que se refere ao tipo de sequencialidade dominante.

Relativamente à sua estruturação, esta apreciação crítica assenta num confronto entre o que o crítico defende e o que, por outro lado, considera ser o que os "outros" defendem. Nessa medida, são apresentados dois argumentos hipoteticamente usados por quem tenha uma opinião desfavorável ao objeto em análise.

O primeiro argumento apresentado contra o filme é o de que, subentende-se, fará parte de um grande grupo de filmes portugueses que se caracteriza pela utilização excessiva de material proveniente da literatura ("um dos "defeitos" mais apontados em massa ao cinema

português pela *vox populi* - que é “muito literário” - linhas 1-2). Este argumento é rebatido pelo autor (“não tem assim tanta razão de ser” – linha 2), que ainda afirma que, por comparação com a cinematografia francesa, a portuguesa explorou esta abordagem com parcimónia (“mas pensar por exemplo na quantidade de Balzacs, Flauberts e até Prousts gerados pelo cinema francês; ou imaginar que os franceses esperavam até 2014 para filmar a *Madame Bovary*...” - linhas 5-7). Para além disso, o crítico considera que esta forma de fazer cinema é algo de positivo (“tem esta virtude” - linha 8).

O segundo argumento apresentado contra o filme de Botelho é o de que utiliza uma estratégia de não desfigurar o romance, nem se impor a ele, o que acaba por minorizar o trabalho do cineasta, reduzindo-o ao papel de ilustrador da obra literária (“Pode-se argumentar que isto implica um certo apagamento do cineasta (...) e o remete ao papel de ilustrador” - linhas 9-11). A este argumento, o crítico responde que foi precisamente esse o objetivo do cineasta. Para além disso, é um objetivo plenamente conseguido (“Mas essa ilustração, até pelo artifício de cartão pintado que é a sua marca, parece precisamente o jogo que se queria jogar. E é bem jogado...” - l. 12-13), embora termine o texto cotejando filme e livro no que à ironia diz respeito, com algum prejuízo do primeiro.

Um outro aspeto a registar diz respeito a uma particularidade da argumentação contra o filme. Em ambos os casos, o autor não assume a origem exata dessas críticas, refugiando-se em estratégias de criação de impessoalidade. No primeiro caso, atribui a crítica à “*vox populi*” (linha 2); no segundo caso, usa um sujeito nulo de interpretação arbitrária (“Pode-se argumentar” - linha 9). Contudo, esta estratégia não elimina a possibilidade de o autor do texto não se afastar completamente dessas críticas. Já no caso da argumentação a favor do filme, de registar a ausência de marcas linguísticas de primeira pessoa, o que reforça a visão positiva do filme: não é o que o crítico considera do filme (dados subjetivos), mas o que o filme efetivamente é (dados objetivos).

A estruturação desta apreciação crítica encontra-se esquematizada na figura 3, evidenciando uma organização fundada numa troca de argumentos e contra-argumentos entre os críticos anónimos, contrários ao filme, e o autor da apreciação, favorável a este, sem que haja espaço autónomo para a descrição do objeto cultural em apreço.

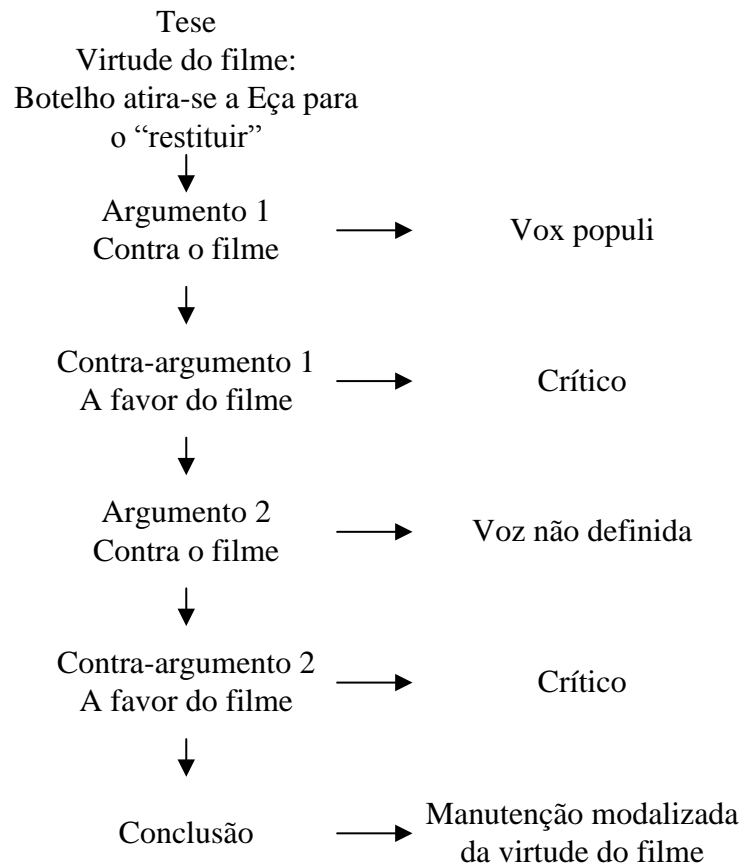


Figura 3: Organização sequencial do texto

4.3. A dimensão estilística do texto: marcas linguísticas mais significativas

A figura 3, que delinea a organização sequencial do texto, é materializada através de um conjunto de marcas linguísticas específicas, cuja função é configurar a textualização desta apreciação crítica. Essa configuração reflete o conjunto de estratégias e recursos linguísticos disponíveis para a formatação do texto, do ponto de vista da sua correlação com a estrutura composicional do texto e as condições da sua produção, com especial relevância para o objetivo a cumprir com este ato de linguagem.

Na delimitação das principais marcas linguísticas ocorrentes neste texto, seguimos o conjunto de categorias delimitado para a abordagem do *corpus* e já enunciado na secção 3, tomando, para a sua consideração, o percurso argumentativo do texto. Assim, relativamente à argumentação contra o filme, ocorrem, como seria de esperar, algumas categorias gramaticais de valoração negativa: (i) expressões nominais (“apagamento” – linha 10, “(outra) rugosidade” – linha 11, “papel de ilustrador” – linha 11); (ii) verbo (“remete (ao papel de ilustrador)”) – linha 11), não se encontrando aspetos gramaticais de valoração positiva.

Já na contra-argumentação, apesar de a maior parte dos elementos linguísticos ser de índole positiva, há também alguns de índole negativa:

- a. de índole positiva: (i) expressões nominais (“virtude” – l. 8, “panache” – l. 13, “fluidez narrativa” – l. 15); (ii) verbos (“atira-se” – l. 8; (sem) “desfigurar” – l. 9; (sem) “se impor” – l. 9); (iii) adjetivos (“capaz” – l. 15); (iv) advérbios (“precisamente” – l. 13; “bem” – l. 13; “perfeitamente” – l. 15); (v) expressão atenuadora de alguma negatividade (“na medida do possível” – l. 9);
- b. de índole negativa: (i) adjetivo (“menos hábil” – l. 16); (ii) locução adverbial (“no geral” – l. 14).

Além disso, verifica-se que nem sempre expressões com significado lexical denotativo negativo o mantêm por força da sua distribuição contextual. Assim, e a título exemplificativo, verifica-se que, se os verbos “desfigurar” e “impor” são, do ponto de vista do seu significado lexical básico, termos cuja significação é tipicamente negativa, foram considerados como sendo de apreciação positiva na nossa análise. Essa valoração positiva é obtida composicionalmente, pois os verbos são precedidos da preposição “sem”, a qual reverte a polaridade da valoração dos itens lexicais.

É de realçar também que, no primeiro argumento contra o filme, os termos “defeitos”, “muito literário” e “literatura” teriam uma conotação negativa na perspectiva dos que têm uma opinião desfavorável relativamente ao filme, o que não é o caso do autor do texto, pelo que os coloca entre aspas exatamente para se distanciar dessa conotação negativa.

Por fim, e no que diz respeito à ocorrência de orações, salienta-se a existência de duas coordenadas adversativas, cada uma delas numa fase de contra-argumentação (“mas pensar por exemplo na quantidade” – linha 5; “Mas essa ilustração” - linha12), marcando claramente o contraste entre a opinião dos “outros” e a do autor. Para além disso, o autor termina o texto com uma oração concessiva (a única no texto), a qual contém uma comparativa (também única no texto) que relaciona o filme e o livro, desfavorecendo o primeiro (“mesmo que seja menos hábil a dar a ironia” - linha16). Estas construções têm o efeito de atenuar a apreciação positiva que o autor tinha acabado de fazer.

Podemos, assim, concluir que a distribuição de categorias sintáticas, de expressões e de algumas orações, nomeadamente a quantidade e o local onde ocorrem, indicia que a apreciação da obra de Botelho é uma apreciação positiva, embora o filme não seja

considerado excepcional, o que parece estar de acordo com a avaliação que lhe é atribuída (3 estrelas em 5).

4.4. Algumas implicações desta análise para o trabalho em sala de aula

A análise proposta, que estabelece uma correlação entre condições de produção, organização interna do texto e estilo do texto, tem implicações várias para o trabalho em sala de aula.

Em primeiro lugar, esta análise permite validar com maior certeza os parâmetros atribuídos ao gênero apreciação crítica de filmes, garantindo, no entanto, a sua distinção em relação à manifestação do gênero num texto empírico particular, o qual evidencia simultaneamente marcas de genericidade e de unicidade. A constatação dessa dualidade através da análise permite atestar o princípio de que todo o texto se concretiza num gênero, cuja configuração adota e adapta. Assim, esta análise evidencia que a apreciação crítica se constitui essencialmente como um comentário crítico do filme, com pendor essencialmente argumentativo, no âmbito do qual a descrição do objeto é feita em termos da sua integração na argumentação sustentada ao longo do comentário e não como sequência textual autónoma.

Em segundo lugar, a análise proposta demonstra a natureza complexa e multidimensional do texto, cuja compreensão global decorre da correlação entre as diversas dimensões consideradas. Isso não significa, no entanto, invalidar a possibilidade, por razões pedagógico-didáticas, de uma análise exaustiva de uma dessas dimensões, tanto do ponto de vista da sua exploração autónoma no contexto deste gênero, quanto no da sua comparação com outros gêneros afins.

Em terceiro lugar, o conhecimento mais aprofundado deste gênero permite ao professor orientar o seu trabalho de receção e produção em sala de aula de modo mais informado, o que lhe pode garantir um trabalho mais próximo da realidade empírica do que do texto abstrato, correspondente a um modelo arquetípico não empírico. Sem que isso signifique necessariamente que tenha de abdicar de esquemas mais simplificados, com maior produtividade em fases sucessivas do percurso de desenvolvimento dos alunos nos diferentes domínios, o conhecimento aprofundado da forma e função dos textos de apreciação crítica permitir-lhe-á aproximar paulatinamente o aluno da materialização empírica que encontramos nas situações concretas de comunicação.

Finalmente, consideramos que o tratamento de exemplares particulares deste gênero contribui para que o aluno desenvolva a sua competência leitora, tenha consciência da

importância das condições de produção de um dado texto, mas também das marcas linguísticas que o textualizam e que são fundamentais para a sua compreensão. Nesse sentido, o trabalho sobre o contexto, mas também, e de forma muito clara, o trabalho sobre a materialização linguística, contribuem para o seu desenvolvimento como leitor crítico e produtor eficaz, sobretudo se esta análise for integrada num percurso didático centrado num trabalho sobre os géneros (cf. Bronckart, 2001; Dolz, Noverraz & Schneuwly, 2004; Rodrigues & Silvano, 2009; Burach, Oliveira & Polato, 2013).

4. Considerações finais

A abordagem do género apreciação crítica proposta neste trabalho procurou mostrar em que medida a análise das diferentes dimensões constitutivas do género contribui não só para uma compreensão mais aprofundada da comunicação verbal, mas sobretudo para uma apreensão dos procedimentos de análise fundamentais para a compreensão e produção textuais. Nesse contexto, a nossa análise centrou-se essencialmente em ilustrar a forma como a análise dos mecanismos linguístico-textuais é fundamental para textualização, em estreita correlação com a sua organização interna, estando ambos dependentes das condições contextuais inerentes à sua receção/produção.

Consideramos que a análise linguístico-textual e contextual do texto é um trabalho fundamental que o professor deve fazer, primeiro, como preparação da sua intervenção pedagógico-didática, e, depois, no contexto da sua transposição para a sala de aula. Trata-se de fases do trabalho de análise textual distintas, concorrendo, no entanto, ambas para um tratamento integrado eficaz, na medida em que um conhecimento procedimental sobre os géneros textuais e a produção de textos particulares de um determinado género tem de estar suportada por um conhecimento declarativo de base linguística ou gramatical, textual e comunicativa.

Nesse sentido, defendemos que o trabalho com a língua e com o texto baseado numa pedagogia dos géneros é, desde que fundado num trabalho teórico e prático refletido e fundamentado, uma opção metodológica produtiva para conduzir os alunos ao cumprimento das metas curriculares preconizadas para o ensino secundário.

Referências bibliográficas

- Adam, J-M. (2001). *Les textes: Types et prototypes*. Paris Nathan-Université.
- Adam, J-M. (2005). « La notion de typologie de textes en didactique du français: une notion «dépassée»? ». In *Recherches*, 42, 11-23.
- Bakhtine, M. (1984) – *Esthétique de la création verbale*. Paris: Gallimard, 263-308.
- Barros, E.M.D (2008). *A apropriação do gênero crítica de cinema no processo de letramento*. Londrina: Universidade de Londrino. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000129058> (acedido em 13-01-2015).
- Berbare, A. P. (2004). “Crítica de cinema: caracterização do gênero para projetos de produção escrita na escola”. In Lopes-Rossi, M. A. (Org.). *Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos*. Taubaté (SP): Cabral, 41-58.
- Braga, C. (2014). *A crítica jornalística de cinema na Internet; um dispositivo em transformação*. Dissertação de doutoramento. Barcelona: UAB/UFMG.
- Bronckart, J-P. (1996). *Activité langagière, texts et discours. Pour un interactionisme socio-discursif*. Lausanne : Delachaux et Niestlé.
- Bronckart, J-P. (2001). “L’enseignement des discours. De l’appropriation pratique à la maîtrise formelle”. In Almgren, M. & al. (orgs.). *Research on child language acquisition*. New York: Cascadilla Press, 1-16.
- Bronckart, J-P, (2008). “Genres de textes, types de discours et degrés de langue. Hommage à François Rastier”. In *Texto*, XIII(1). Disponível em http://www.revue-texto.net/docannexe/file/86/bronckart_rastier.pdf (acedido em 15-01-2015).
- Buescu, H.; Maia, L.; Silva, M.; Rocha, M. (2014) *Programa e Metas Curriculares de Português – Ensino Secundário*. Lisboa: MEC.
- Burach, C.A.M.; Oliveira, N.A.F & Polato, A.D.M. (2013). “O gênero crítica como instrumento didático para o ensino e aprendizagem da língua portuguesa”. In *Atas do IV CONALI - Congresso Nacional de Linguagens em Interação. Múltiplos Olhares*. Disponível em <http://www.dle.uem.br/conali2013/trabalhos/370t.pdf> (acedido em 10-01-2015).
- Charaudeau, P. (1988). “La critique cinématographique : faire voir et faire parler”. In Boyer, H. et al. La Presse. *Produit, production, réception*. Paris : Didier Érudition, 47-70.
- Charaudeau, P. (1992) *Grammaire du sens et de l’expression*. Paris: Hachette.
- Charaudeau, P. (1997). “Les conditions d’une typologie des genres télévisuels d’information”. In *Réseaux* 81, 1-22.
- Coutinho, M. A. (2007). “Descrever gêneros de textos: resistência e estratégias”. In *Proceedings of the 4th SIGET – International Symposium on Genre Studies*. Publicação em CD.
- Coutinho, M. A. (2011). “Macroestruturas e microestruturas textuais”. In Duarte, I. & O. Figueiredo (orgs.). *Português, língua e ensino*. Porto: U. Porto Editorial, 189-220.

- Coutinho, M. A. (2012). “Dos géneros de texto à gramática”. In DELTA, 28(1). Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502012000100002 (acedido em 12-01-2015).
- Dolz, J.; Noverraz, M. & Schnewly, B. (2004). “Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento”. In *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 95-128.
- Maingueneau, D. (2002). “Les composantes du genre”. In Dardy, C., Ducard, D. & Maingueneau, D. *Un genre universitaire. Le rapport de soutenance de thèse*. Paris: Presses Universitaires du Septentrion, 49-88.
- Marcuschi, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 198-225.
- Richer, J-J. (2011). “Les genres de discours : une autre approche possible de la sélection de contenus grammaticaux pour l’enseignement/ apprentissage du F.L.E.?” In *Linx*, 64-65, 15-26.
- Rodrigues, S. e Silvano, P. (2009). “O conhecimento sintático e semântico da língua como factor de qualificação no processo de escrita de uma apreciação crítica. Resultados de um estudo no âmbito do projecto IELP”. In *Textos Seleccionados do XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 437-451.

ANEXO

Botelho atira-se a Eça para o "restituir"

O filme de Botelho tem esta virtude: atira-se ao romance de Eça para, na medida do possível, o “restituir” sem o desfigurar e sem se impor a ele

É engraçado reparar em que um dos “defeitos” mais apontados em massa ao cinema português pela vox populi - que é “muito literário” - não tem assim tanta razão de ser. Há bem pouca “literatura” no cinema português, e o património clássico ainda é
5 quase inexplorado - há proporções a salvaguardar, até pelas diferenças na capacidade de produção, mas pensar por exemplo na quantidade de Balzacs, Flauberts e até Prousts gerados pelo cinema francês; ou imaginar que os franceses esperavam até 2014 para filmar a Madame Bovary...

O filme de João Botelho tem esta virtude, atira-se ao romance de Eça de Queiroz
10 para, na medida do possível, o “restituir” sem o desfigurar e sem se impor a ele. Pode-se argumentar que isto implica um certo apagamento do cineasta, que já tratou a literatura com outra rugosidade, e o remete ao papel de ilustrador.

Mas essa ilustração, até pelo artifício de cartão pintado que é a sua marca, parece precisamente o jogo que se queria jogar. E é bem jogado, com panache, com actores que
15 no geral devolvem as personagens como se imaginava que elas deviam ser e parecer, e com uma fluidez narrativa perfeitamente capaz de traduzir a dimensão trágica do romance (mesmo que seja menos hábil a dar a ironia com que o romance olhava para a sua tragédia).

[http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/os-maias-cenas-da-vida-romantica-](http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/os-maias-cenas-da-vida-romantica-1669844)

1669844